

## **Abril Vídeo: uma emissora por assinatura nos anos 1980?**<sup>1</sup>

Antonio Carlos Leal de MORAES  
(Nome em artes: Ninho Moraes).

Professor do Curso de Rádio e TV da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo – SP

### **RESUMO**

A pesquisa traz uma “biografia” de uma experiência única e praticamente desconhecida na TV brasileira: Abril Vídeo. Entre 1983 e 1985, a então poderosa Editora Abril comprou o horário nobre da paulistana TV Gazeta e montou uma equipe do primeiro time do jornalismo (televisivo e escrito). Ainda sob o governo militar, foi uma tentativa transversa de entrar no mercado audiovisual sem as concessões oficiais. O resultado foi uma inovação constante e criativa. Fiz parte da equipe. Participantes foram entrevistados e colaboraram com imagens. O trabalho traz documentos inéditos das duas empresas que, aliás, nada arquivaram dos programas e das imagens brutas. É como se a Abril Vídeo não tivesse existido e não tivesse inserido no mercado uma programação que, hoje, poderia ser utilizada em qualquer TV por assinatura e até da Internet. Caco Barcellos e Marcelo Tas são exemplos de nomes revelados pela grade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Televisão; Tecnologia; Jornalismo; Redemocratização; Invenção (forma).

### **INTRODUÇÃO**

“A Abril Vídeo foi o nosso YouTube”  
(Marcelo Tas)

A escolha do tema se deve por três tipos de curiosidade que sempre envolveu esse pesquisador: a) a História do Brasil contemporâneo; b) a trajetória do telejornalismo brasileiro; c) a formação de uma nova linguagem através do audiovisual, mixando jornalismo com entretenimento.

A busca por informações mais detalhadas sobre a criação da Abril Vídeo – e sua curtíssima duração (1983-85) – são de fundamental importância para conhecermos a televisão que se pratica hoje no país (e também via web, internet e outras mídias), inclusive com frutos concretos nos telejornais e programas jornalísticos. Para início de conversa, e apenas como amostra, cito o programa *Profissão Repórter*, criado e

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

apresentado por Caco Barcellos na TV Globo, cujo embrião já está em seu primeiro trabalho em televisão em 1983 (com o quadro *Caso de Polícia*), sendo eu, inclusive, o editor de várias edições. E como complemento, o programa *São Paulo na TV*, apresentado por Paulo Markun e Silvia Poppovic, que teve a primeira *Moça do Tempo* das emissoras brasileiras, assim como um pioneirismo em interatividade tecnológica com o quadro *Disk Opinião* (ou Disque Opinião), que era realizado junto com a Telesp, empresa de telefonia do Governo do Estado de São Paulo. Como terceiro exemplo, a equipe da produtora Olhar Eletrônico, embrião da produtora O2, sob o comando do consagrado diretor Fernando Meirelles e tendo Marcelo Tas e sua *persona* Ernesto Varela como destaque, teve espaço na programação dominical para realizar experiências que até hoje dão fruto e que são pouco conhecidas não só na academia como do público em geral.

É sabido que a Editora Abril, criada e comandada por Victor Civita e posteriormente por seu filho, Roberto Civita, tinham sérias intenções de ingressar no ramo de televisão, mas enfrentavam a resistência dos governos militares instalados a partir de 31 de março de 1964. A disputa pela concessão da TV Tupi, por exemplo, foi cercada de interferências políticas para evitar que tanto a Editora Abril como o jornal *Estado de S.Paulo*, tivessem alguma chance. O próprio site da Abril<sup>2</sup> confirma as intenções da empresa:

A ideia inicial da Abril, nos anos 70, era comprar uma rede de televisão. A primeira tentativa, a de ficar com o espólio da TV Tupi, não deu certo. A Tupi acabou sendo dividida entre os grupos Bloch e Sílvio Santos, e o sonho foi adiado. A empresa mudou a estratégia e criou, em 1983, uma produtora de TV independente, a Abril Vídeo.

"Descobrimos que, naquele momento, era mais fácil fazer TV do que ter acesso a um canal de televisão", lembra Roger Karman, na época vice-presidente de Mídia Eletrônica e, posteriormente, diretor geral da Abril Vídeo e da MTV Brasil.

Augusto Nunes (2013), então editor da revista *Veja*, conta que Roberto Civita tinha consciência da famosa frase: "Nenhum grande grupo de comunicação vai sobreviver sem televisão". Ele garante que Civita "lutava por isso" embora não fosse toda hora para Brasília fazer pressão. Por isso, considerou uma "zebra", fruto de "um

---

<sup>2</sup>Leia: Novos caminhos até a audiência: com MTV e TVA, a Abril confirma sua vocação e atende seu desejo de entrar no mundo da TV. Disponível em:  
<<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/televisao.html>> Acesso em: 19 mai. 2015.

lobby bem feito e da má vontade do regime militar com duas publicações independentes" quando a Editora Bloch ganhou parte da concessão da TV Tupi para criar a TV Manchete, numa divisão com a TVS (futuro SBT), de Silvio Santos.

No livro *Avenida Paulista 900 – A história da TV Gazeta*, publicado pela Editora Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Elmo Francfort descreve os passos para o contrato.

O primeiro teste da Abril Vídeo em TV foi em 1982, na Rede Bandeirantes, com a veiculação de alguns programas semanais. Mas a Abril queria um acordo maior. Procurava uma emissora que cedesse uma faixa inteira do período noturno, diariamente. Encontrou na TV Gazeta o espaço certo. Depois de muitas conversas, em 25 de junho de 1983 firmaram acordo na sede da Fundação Cásper Líbero. Representantes dos dois grupos estavam presentes. Como responsáveis, assinaram Edgar de Silvio Faria (diretor-responsável da Editora Abril) e Joaquim Peixoto Rocha (presidente do conselho diretor da Fundação). Presentes também Roberto Civita (um dos proprietários da Abril), Roger Karman (diretor-geral da Abril Vídeo) e o diretor José Augusto Pinto Moreira. Pelo lado da Fundação, o vice-presidente Constantino Cury, os conselheiros Said Farhat, Mário Otero e Mauro Salles, o consultor jurídico Walter Ceneviva, o secretário Reynaldo Fanganiello Júnior e o prof. Erasmo de Freitas Nuzzi, da Escola de Comunicação Cásper Líbero. A parceria foi facilitada principalmente por um fator: a Abril e a Fundação não eram concorrentes no mercado (FRANCFORT, 2010, p.272).

É interessante notar que a Faculdade Cásper Líbero poderia ter se beneficiado do acordo entre a Fundação Cásper Líbero e a Editora Abril. Roger Karman recorda-se de tratativas a esse respeito:

Eu me lembro de ter sentado com Constantino Cury, que era o presidente da Fundação, e depois com Mauro Salles que o substituiu e tentar negociar uma troca de sinal. Nós oferecemos a construção de grandes estúdios de TV para servir inclusive para a Faculdade, e em troca ficaríamos com a emissora em VHF. Essa coisa não prosperou porque é muito difícil negociar com uma Fundação. Ela é muito enrijecida por uma série de estatutos, compromissos e controles (KARMAN, 2013).

Uma informação fundamental, para compreendermos este período, é que a TV Gazeta chegou a ser tirada de ar por um dia durante as manifestações pelas Diretas Já, fato raro na história da televisão brasileira, mesmo em época de ditadura e forte censura. Na verdade, o motivo nunca foi apontado pelo Dentel (Departamento Nacional de Telecomunicações, órgão do Ministério das Comunicações). Apesar da emissora ser pequena, local, sua repercussão mostrou-se enorme. O fato é que uma conversa telefônica entre Paulo Markun e Orestes Quércia, senador pelo então MDB, irritou o governo militar. No melhor estilo de metáforas (como as poesias e receitas de bolo que consagraram as capas do Estadão), o jornalista e o político ficaram fazendo ironias

sobre a meteorologia em Brasília. A Emenda Dante de Oliveira estava prestes a ser votada. Markun perguntava sobre o tempo e o clima. Quércia respondia que o sol ia brilhar apesar das nuvens carregadas. O fato está narrado no capítulo 47 (*Gazeta fora do ar*), do livro *Avenida Paulista 900*.

São Paulo na TV no ar. Era 24 de abril de 1984. O apresentador Paulo Markun olhou para a câmera, explicando ao telespectador que falaria com o vice-governador de São Paulo, Orestes Quércia, em ligação telefônica, direto de Brasília.

Markun – Alô, vice-governador? Tudo bem? Como está o tempo aí?

Quércia – Bem, hoje, é, muito agitado.

Markun – Fez sol, não?

Quércia – É, fez sol, muita buzina.

Markun – Muito trânsito?

Quércia – Muito trânsito. Hoje o trânsito estava muito congestionado... por volta das 18 horas... e houve um barulho muito grande em Brasília, todos os carros buzinando, isso nunca ocorreu em Brasília, primeira vez.

Markun – Congestionamento de trânsito, que é absolutamente inesperado numa cidade planejada...

Quércia – Porque é uma cidade com ruas amplas, na qual na época da fundação e da construção do projeto de Oscar Niemeyer nem se previa semáforos, né? E o trânsito hoje foi impressionante, principalmente em volta do Congresso, principalmente, aliás, em frente ao Palácio do Governo. E o trânsito, assim, que realmente assustou todo mundo. Houve um barulho muito grande, buzinas, centenas de carros buzinando.

Markun – E o senhor, continua no Congresso?

Quércia – É, nós estamos no Congresso.

Markun – Vai para o hotel ou não? Vai ficar por aí?

Quércia – Nós vamos para o hotel e amanhã de manhã voltaremos para cá, embora alguns talvez fiquem aqui porque o tempo lá fora não está muito bom para sair. Mas eu acredito que amanhã vai ser um dia de alegria para a nação brasileira porque a expectativa é muito boa, existem pessoas que querem que o tempo fique bom e que até há bem pouco tempo não queriam. Eu acredito que amanhã a representatividade brasileira aqui no Congresso vai realmente possibilitar um tempo muito bom para o nosso povo.

Markun – Tá bom, tomara que seja assim. Muito obrigado e boa noite (FRANCFORT, 2010, p.278).

O resultado dos comentários fez com que o Dentel fosse até a TV Gazeta no dia seguinte lacrar a emissora. No final, em Brasília, a Emenda das Diretas não conseguiu a maioria de dois terços exigidos para ser aprovada. Perdeu por 22 votos.

No dia 26 de abril de 1984 a TV Gazeta voltou ao ar às 11 horas, com o pronunciamento de Mauro Salles, presidente da Fundação Cásper Líbero. O caso foi encerrado e a Gazeta voltou ao ar regularmente. Foi um dos últimos atos de censura aos meios de comunicação na fase do período militar.

## **PROGRAMAÇÃO INOVADORA**

O investimento anunciado pela Editora Abril foi de US\$ 1 milhão (um milhão de dólares), conforme notas publicadas na revista *Veja*, do mesmo grupo. Isso incluía o contrato de aluguel de duas horas diária em horário nobre da TV Gazeta (com sinal para as cidades de São Paulo e Santos), ocupação de dois andares do edifício Cásper Libero, na Avenida Paulista 900, e a contratação de 80 profissionais, a maior parte no jornalismo. Elmo Francfort também traz estes detalhes:

Dentro do prédio da Fundação, a Abril Vídeo ocupou dois andares. No 9º andar, a parte de operações e, posteriormente, no 12º andar, redação e administração. Além de utilizar um dos estúdios do 8º andar, com 400 metros quadrados. A Abril Vídeo contratou mais de 80 profissionais de diversos setores. Um dos caprichos da nova programação era juntar grandes nomes do jornalismo impresso com caras novas e outras já bem conhecidas do público (FRANCFORT, 2010, p.273).

A Abril Vídeo entrou no ar no dia 12 de agosto de 1983. Roger Karman, diretor da Editora Abril, responsável pela implantação da Abril Vídeo e da MTV Brasil, relembra que os primeiros nomes contatados e contratados para a apresentação foram Silvia Poppovic e o Paulo Markun e da primeira fala na estreia:

- Eu sou a Silvia.
- Eu sou o Paulo.
- Nós somos o SP de São Paulo (KARMAN, 2013).

Foto: KamChungTak



**Ilustração 1** - A equipe responsável pela programação da Abril Vídeo em 1983, liderada pelos apresentadores Paulo Markun e Silvia Poppovic.

A revista *Veja* publicou na edição do dia 10 de agosto:

Os telespectadores de São Paulo, que normalmente não vêem na televisão a maior parte dos fatos que acontecem bem à sua volta, poderão matar a curiosidade a partir desta terça-feira, às 20h30, na TV Gazeta – a única emissora estritamente local da cidade. Nesse horário, uma vinheta com o perfil de prédios e luminosos anunciará a estreia de São Paulo na TV, um programa jornalístico diário, apresentado de segunda a domingo, que pretende vasculhar os quatro cantos da maior metrópole do país, para revelar seu retrato de corpo inteiro. Com esse programa, a Editora Abril estende suas atividades também à área de comunicação eletrônica, trazendo a público o mais novo ramo de sua árvore-símbolo: a produtora Abril Vídeo (VEJA, 1983).

Elmo Francfort descreve a noite de estreia a partir de depoimento de alguns participantes da TV Gazeta:

Na noite de 11 de agosto de 1983, terça-feira, estreou a faixa de programação *São Paulo na TV*. E para tal lançamento, entre dois respeitados grupos de comunicações, houve uma grande festa. No salão principal do São Paulo Hilton Hotel as principais personalidades do mundo empresarial e político estavam presentes. A Fundação Cásper Líbero estava em peso. Da parte da Abril, foram à festa Victor Civita, Roberto Civita, Thomaz Souto Corrêa (diretor editorial), José Augusto Pinto Moreira (diretor administrativo e financeiro) e os diretores da Abril Vídeo Rogério Karman, Jayme Almeida (diretor-assistente), Élcio Capalho (diretor de marketing), Luís Celso Ferraz do Amaral (diretor comercial) e Luís Fernando Mercadante (diretor de telejornalismo). Presidentes de outras emissoras também foram, como Renato Ferrari (TV Cultura) e João Saad (Rede Bandeirantes). O programa de abertura, intitulado *Veja Entrevista*, começou às 20h30 e foi mediado por Augusto Nunes. Seu entrevistado foi o também jornalista Ferreira Neto. Ao final do programa, a equipe foi para a festa, sendo cumprimentada por todos (FRANCFORT, 2010, p.273).

A programação da Abril Vídeo estava dividida nos seguintes formatos:

Telejornal: das 20h30 às 21h30

*São Paulo na TV*, apresentação de Paulo Markun e Silvia Poppovic, com módulos fixos e alternados: *O Assunto é...*, com Helena de Grammont; *Caso de Polícia*, com Caco Barcelos; *Carro e Moto*, com Emílio Carranzi e Cláudio Carsughi, da revista Quatro Rodas; *Tá na Moda*, com Cristina Duarte, diretora da revista Cláudia; *O Futuro Agora*, com Ethevaldo Siqueira, sobre Ciência e Tecnologia; *Dinheiro Vivo*, com Luiz Nassif e José Roberto Nassar, da revista Exame; *Controle de Qualidade*, com Célia Bardi; *Olga Del Volga*, com o ator e ilustrador Patrício Bisso; *Redação*, com Juca Kfourri; *Humor*, com Henfil.

Revista: das 21h30 às 22h45.



Segunda: *Placar*, mesa-redonda sobre esportes com jornalistas da revista *Placar* e mediação de Juca Kfoury; Terça: *Veja Entrevista*, mesa-redonda sobre política com jornalistas da revista *Veja* e mediação de Augusto Nunes; Quarta: *Negócios em Exame*, mesa-redonda sobre economia, com equipe da revista *Exame*; Quinta: *Dois na Cidade*, espaço de reportagem externa que desvendava os restaurantes e bares, teatros, cinemas e a vida cultural de São Paulo. Apresentação de Otávio Ceschi Jr. e Cláudia Matarazzo. Sexta: *Bastidores*, entrevistas variadas com Thomaz Souto Correia, diretor da Editora Abril.

Finais de semana:

Sábado, às 20h30, e domingo, às 20h15, *Plantão de São Paulo na TV*, com Hamilton de Almeida Filho e Regina Echeverria; Sábado, às 20h45, *Melhores Momentos*, com Inês Knaut; Sábado, às 21h30, *Vídeo Disco*, sucessos musicais, apresentação de Willian Crunfli; Domingo, às 20h00, *Tarso de Castro*, comentários do próprio jornalista. Domingo, às 20h30, *O Povo e o Prefeito*, reportagens e entrevista de prestação de contas do prefeito de São Paulo, Mário Covas. Domingo, às 20h45, *Estação Paulista*, programa musical apresentado por Pink Wainer. Domingo (nas duas fases): *Olho Mágico*, com apresentação de Aizita Nascimento, Cristina Prochaska e Émile Eddé. A partir de 1984, ganhou reforço com a equipe de Olhar Eletrônico, formada por Fernando Meirelles, Paulo Morelli, Tônico Mello, Marcelo Tas e Marcelo Machado. Também na segunda fase, estreou *Crig Rá*, programa semanal apresentado pelo "falso" VJ BobMcJack (Marcelo Tas).

A redação era quente em todos os sentidos. O verão daquela passagem de 1983 para 1984 prometia muitas novidades. Inclusive com as muitas e tradicionais chuvas, como já antecipava a primeira *Moça do Tempo* dos telejornais brasileiros. Isso mesmo: como o nome do telejornal dizia, vivíamos *São Paulo na TV* – acompanhar o clima e a meteorologia fazia parte da proposta lançada por Luís Fernando Mercadante. No início, foi um quadro ridicularizado. Por que colocar um modelo para apresentar? O nome dela era Adriana Zelinsky, vinda do Rio Grande do Sul. Não importava o sotaque. Importava sua beleza e sua foto nas revistas de televisão. Os cursos superiores de meteorologia estavam em projeto nas universidades, inclusive na USP. Buscar notícias e fazer previsões era um quesito a ser cumprido pelas rádios, principalmente por Narciso

Vernizzi, que tinha um horário tradicional na Jovem Pan, onde trabalhava desde 1947. Você, caro leitor, imagina hoje um telejornal sem a *Moça do Tempo*? Na época, o assunto era tratado como ‘perfumaria’ até mesmo pelo *Jornal Nacional*. Novidades como essa esquentavam e animavam o noticiário – além, é lógico, de tudo que se vivia nos bastidores, onde jovens de todas as idades apostavam suas fichas numa pequena revolução.

Outra inovação foi uma enquete interativa: *Disk Opinião* (ou Disque Opinião). Você pode imaginar uma pesquisa feita por telefone no começo dos anos 1980? A Abril Vídeo teve e, certamente, antecipou o programa *Você Decide*, da TV Globo, e inaugurou a chamada Interatividade na TV brasileira. De acordo com Chico Santa Rita (2013), em depoimento para mim, "eram três linhas: duas atendidas por minhas duas filhas e uma por uma irmã do Markun". Fernando Waisberg, responsável pela engenharia da Abril Vídeo, explica:

Era uma linha chamada Híbrida, de vai e vem. São duas linhas numa só, como dois canais, o TX de Transmissão e o RX de Recepção. Com isso, a gente fazia uma pergunta que poderia ser respondida por 1 e 2, Sim e Não. Foi uma novidade, mas não funcionava direito. O serviço era da Telesp, com um aparelho de Led Vermelho. As informações vinham da Telesp por linha dedicada, tipo LP: 4 fios, 2 para recepção e 2 para envio. É o chamado telefone em Broadcast. Mas o resultado disparava e dava números meio malucos, que a gente tinha de contornar. Eram pesquisas de todo tipo, como se passou a fazer posteriormente na internet, com enquetes sem nenhuma comprovação científica (WAISBERG, 2013).

Marco Antonio Ribeiro, da área administrativa, recorda das dificuldades tecnológicas e, lógico, financeiras:

Foi uma experiência inovadora. Porque naquela época, uma linha telefônica custava quase o preço de um carro. De repente, a gente recebeu 20 linhas telefônicas, enquanto eu ralava para comprar algumas. Foi uma iniciativa da Telesp que queria usar o telefone como entretenimento, para dar opiniões. Não sei como foi o contato. Começou como teste. E foi até uma brincadeira que deu início: Você prefere *doce de abóbora com coco* ou *sem coco*? Lembro como começou, mas não lembro como acabou (RIBEIRO, 2013).

Fábio Rolfo, gerente de operações da TV Gazeta, e na época coordenador de programação, explica:

O *Disk Opinião* foi o embrião da interatividade. Como a maior parte da programação era ao vivo, o sistema permitia ao telespectador opinar sobre algum tema. Ele ligava para um número (200) e dava



opinião SIM ou NÃO (final 1 ou 2). Havia um display no estúdio que marcava as opiniões. O interessante é que essa informação entrava no meio do intervalo comercial – uma câmera enquadrava o display que ficava no cenário, no estúdio. Às vezes, alguém passava na frente da câmera. Quase sempre era o Chico Santa Rita, chefe do jornalismo. O *Disk Opinião* era patrocinado pela Drogaria São Paulo (ROLFO, 2013).

Ao todo, foram duas fases de trabalho com ênfase na reportagem. A primeira, que resultou no programa *São Paulo na TV*, foi comandada por Luiz Fernando Mercadante. Essa etapa durou cerca de um ano e terminou em julho de 1984, com a saída de seus principais profissionais, retratados num jantar de despedida (ilustração 2).



**Ilustração 2** -Restaurante Il Sogno de Anarello, São Paulo, julho 1984. Da esquerda para a direita: convidado (de bigode), Maria Thereza Pinheiro (editora), Ninho Moraes (editor), Celso de Castro Barbosa (redator), Alba (redatora), Luiz Fernando Mercadante (diretor responsável), Miriam Leitão (jornalista de economia), Cintia Bandeira (produtora), Eliana Ruzzante (produtora), Marília Stábile (jornalista de economia), Ethevaldo Siqueira (comentarista de telemática) e esposa, Thereza Cavalleiro (editora), Giovanni Bruno (dono do restaurante), KicoGemael (editor), Mona Dorf (repórter), Even Sacchi (repórter), Paulo Markun (apresentador e editor chefe), Neusa Rocha (editora), Silvia Poppovic (apresentadora), Chico Santa Rita (chefe de jornalismo).

A segunda fase da Abril Vídeo (1984-85) foi comandada por Narciso Kalili e sua esposa Mônica Teixeira, com destaque para o quadro *Você na TV*. Nessa etapa os destaques foram a dupla Marcelo Tas e Fernando Meireles, respectivamente com seus personagens Ernesto Varela e Valdeci, “o Câmera”, assim como o jornalista e apresentador Ruy Fernando Barboza.

A Abril Vídeo saiu definitivamente do ar no dia 22 de novembro de 1985.

Elmo Francfort descreve o processo de encerramento de contrato:

(...) com o tempo, os interesses da Fundação Cásper Líbero e da Abril Vídeo já não eram mais os mesmos. Ocorreu um pequeno desgaste dentro de um casamento que gerou bons frutos. Assim, em 19 de novembro de 1985 os principais jornais estamparam o seguinte editorial: TV Gazeta e Abril Vídeo encerram acordo – A TV Gazeta, Canal 11, emissora da Fundação Cásper Líbero, e a Divisão Abril Vídeo, da Editora Abril, informam ao público em geral, a seus amigos, anunciantes e publicitários que, após dois anos de profícua convivência, estão encerrando seu acordo de colaboração mútua. A programação da Abril Vídeo deixará de ser veiculada pela TV Gazeta a partir do dia 22 de novembro de 1985. Acreditamos que esse período, marcado por tantas realizações, tenha sido um marco significativo na vida de ambas as organizações, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento de seus projetos na área de vídeo (FRANCFORT, 2010, p.276).

A partir daí, a Abril Vídeo, se transforma numa produtora de comerciais e, posteriormente, numa distribuidora de vídeos (em VHS). No site da Memória Abril, está registrado que "...os índices de audiência eram baixos e a Abril decidiu retirar-se do negócio e utilizar a experiência, o equipamento e a equipe técnica para, em 1988, montar uma empresa de *homevideo* que manteve o nome Abril Vídeo".

ABRIL VÍDEO. Nome óbvio e de certa forma limitante. Em seu depoimento, Roger Karman faz uma espécie de autocrítica:

Hoje eu percebo: talvez seja um nome inadequado. Por que Vídeo? O nome foi dado por mim, mas foi uma dura batalha: eu queria 'TV Abril', mas houve várias objeções. Alguns 'cardeais' da Abril achavam que era um grande risco usar o nome Abril numa "aventura" como essa. Finalmente foi o Roberto que bateu o martelo quando sugeri usar uma palavra em moda na época: vídeo (KARMAN, 2013).

De fato, vista à distância, remete a uma modernidade revolucionária para a época. O vídeo viria mudar nossas vidas. Mas ainda não falava em digital. Era analógico. E serviria apenas como passagem para se chegar na sonhada TV ABRIL.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A programação da Abril Vídeo inovou em diversos sentidos. A *persona* Ernesto Varela ainda é mais modernado que os repórteres do programa CQC, apresentado pelo próprio Marcelo Tas. O quadro *Você na TV*, idealizado por Narciso Kalili, tinha todas as informações importantes que as tevês comunitárias podem trazer hoje em dia. Programas como *Avenida Paulista*, comandado por Miriam Leitão, num cenário de bar,

unia economia e música, como ainda hoje se tenta fazer nos programas da TV por assinatura. A apresentação do dominical *Olho Mágico*, com os atores Emile Eddé e Cristina Prochaska, era tão ou mais informal do que o *Fantástico* atual. A parceria com a produtora Olhar Eletrônico (subcontratada pela Abril Vídeo) gerou inúmeros frutos, a destacar: o programa *Crig Rá*, que era apresentado por *BobMcJack*, outra *persona* de Marcelo Tas e a série de reportagens filosóficas, com temas fora do cotidiano. Os shows-encontros musicais do *Olho Mágico* anteciparam várias tentativas da MTV e de outros canais, inclusive a própria TV Globo da época.

Ouso dizer que a montagem da equipe feita por Luís Fernando Mercadante foi "tridimensional". Nada escapou. Como um radar atento aos novos tempos, ele mirou seu periscópio para diferentes áreas. Caso de Hamilton Almeida Jr., um dos melhores textos da imprensa alternativa escrita, que tinha uma vontade extrema de experimentar o novo veículo. Do jornal *O Pasquim*, foi buscar a irreverência dos comentários de um de seus fundadores, Tarso de Castro, que tinha uma verve bastante parecida com a de Arnaldo Jabor nos seus momentos de maior audiência no *Jornal da Globo*.

O jovial e irreverente *Jornal da Tarde* tinha um desenho sofisticado e irônico feito por um argentino que se vestia de mulher, Patrício Bisso. Mix de ator e transformista, Bisso criou uma personagem russa chamada Olga Del Volga, que seria como uma comentarista de assuntos psicológicos e sexuais no cotidiano de nossa cidade. E em horário nobre, ao contrário da caretice revolucionária da sexóloga do *TV Mulher*. O elenco não parava. O time de jornalistas crescia. Um atraído pelo outro.

O clima na nova redação era de alegria e satisfação de se poder quebrar o chamado Padrão Globo, que resultava em 'sonoras' curtas, de no máximo 10 segundos, repórteres aprisionados nos textos, perguntas respeitadas e excessivo formalismo na edição. As pautas precisavam ser criativas e de acordo com o "tamanho de nossas pernas", como bem descrevia o 'prefeito' Marco Antonio, administrador responsável da Abril.

Posso dizer, sem medo de errar, que tudo o que se assiste hoje nos telejornais brasileiros, já era feito de forma irreverente, mas muito responsável, nas reportagens da Abril Vídeo.

No total, cerca de 80 profissionais contratados pela Editora Abril, com salários compatíveis aos de mercado – leia-se, mercado da TV Globo – ocuparam rapidamente o oitavo andar do prédio da Avenida Paulista 900.

Hoje, é fácil falar. A TV Gazeta vendia um horário sem audiência. É como publicar revistas e não distribuí-las nas bancas. De produzir fascículos caros e coloridos e guardá-los em bibliotecas.

Arrisco dizer que a Abril Vídeo, em suas duas fases, produziu um dos melhores conteúdos da televisão brasileira de todos os tempos – e ninguém assistiu. Simples assim. Audiência perto do zero, apesar da enorme repercussão que o noticiário e as entrevistas provocavam em alguns meios políticos e intelectuais.

Infelizmente, só nos resta a oralidade para comprovar o que escrevo. Estive pessoalmente no andar da Memória Abril, onde fica o DEDOC, departamento de Documentação e Arquivo da Editora Abril, e constatei que as fitas que estão guardadas não tem praticamente nada do que foi ao ar. A imensa maioria das fitas foi apagada e/ou reutilizada.

Por lei, as emissoras precisam arquivar os conteúdos por alguns dias. A Abril cumpria a lei estritamente. Em seguida, liberava as fitas – caras e dispendiosas – para novos conteúdos. As que sobraram estão sem acesso por falta de verba para digitalização. Pelas 'retrancas', como se chamam os adesivos externos das fitas U-Matic, contém vinhetas e, provavelmente, alguns trechos de programas. A conferir.

No mais, sobraram reportagens que eu mesmo copiei informalmente em VHS (atualmente em DVD e PenDrive), para manter como arquivo pessoal. Lá estão algumas reportagens que considero hoje clássicas feitas por Caco Barcellos, e entrevistas de Miriam Leitão, inclusive a que foi exibida no evento que comemorou os 30 anos do *Videobrasil*, no Sesc Pompéia.

Até que ponto a experiência profissional pode ser traduzida para uma pesquisa científica? Como pesquisar sobre o invisível? A memória é um objeto confiável? São estas as três primeiras perguntas que me moveram a escrever este texto. Com um complemento: além deste pesquisador, quem mais se interessa sobre este assunto? Por que este tema nunca foi pesquisado com profundidade?

A programação da Abril Vídeo serviu como uma espécie de semente para toda a programação – especialmente no telejornalismo e documentários que assistimos nesse começo de milênio, especialmente na segunda década.

A explosão de canais por assinatura e/ou via internet demonstram que estamos anos-luz à frente de uma programação local, quase restrita a alguns bairros de São Paulo e para a cidade de Santos, que aconteceu há mais de 30 anos. O chamado fenômeno da

transmissão ao vivo pela internet, de forma alternativa (especialmente pelo grupo *Mídia Ninja*, que cobriu as manifestações de rua de junho/julho de 2013) retomam um processo de cobertura já iniciado pela Abril Vídeo (e que, de certa forma, resultou no *repórter-abelha*, na própria TV Gazeta, programa TV Mix, criado pela mesma equipe de Olhar Eletrônico).

Caso tivesse sobrevivido, um segundo passo da Abril Vídeo seria a de produzir conteúdo mais cinematográfico, como documentários e programas jornalísticos em séries e/ou episódios que caberiam em qualquer programação de qualquer veículo de comunicação.

Como não sobreviveu, esta pesquisa talvez seja a última oportunidade para que a história seja revisitada e recontada, não apenas para as futuras gerações, como para que a memória dos sobreviventes seja reavivada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIK, Luis Roberto. **Tudo o que você precisa saber sobre rádio e televisão:** licenças, outorgas, taxa de penetração, receitas e receptores. Formatado e organizado para Abert – Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, dezembro 2010 (baseado em: IBGE – PNAD/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios IETS - Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações Mídia Dados 2008 – Grupo de Mídia de São Paulo Teleco– Inteligência em telecomunicação).

BOLANO, César Ricardo & BRITTOS, Valério Cruz. **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia.** São Paulo: Editora Paulus, 2005.

BUCCI, Eugênio & HAMBURGER, Esther (orgs). **TV aos 50:** criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000.

BUCCI, Eugênio. **Videologias:** Ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

CASTIEL, Luis David e SANZ-VALERO, Javier. **Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica?** Revista da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2008.

COSTA, Alcir Henrique da; SIMÕES, Inimá Ferreira. **Um país no ar:** História da TV brasileira em 3 canais. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DANIEL FILHO. **O circo eletrônico:** Fazendo TV no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

FERNANDES, Ismael. **Memória da televisão brasileira.** 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FRANCFORT, Elmo. **Avenida Paulista 900:** A história da TV Gazeta. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010.



GONÇALO JR. **O homem Abril:** Claudio Souza e a história da maior editora brasileira de revistas. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2001.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil antenado:** A sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

KARMAN, Roger: depoimento [mar. 2013]. Entrevistador: Ninho MORAES. São Paulo: CIP-FCL-SP, 2013. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora Senac, 2007.

\_\_\_\_\_. **Made in Brasil:** Três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MATOS, Sérgio Augusto Soares. **Televisão no Brasil:** 50 anos de história (1950-2000). Salvador: Editora PAS – Edições Ianamá, 2000.

MEMÓRIA ABRIL. Novos caminhos até a audiência: com MTV e TVA, a Abril confirma sua vocação e atende seu desejo de entrar no mundo da TV. Disponível em:  
<<http://www.abril.com.br/institucional/50anos/televisao.html>> Acesso em: 19 mai. 2015.

MERCADANTE, Luiz Fernando; BALBI, Marília Balbi. **Victor Civita:** uma biografia. Fundação Victor Civita, São Paulo [s.d.].

MORAES, Ninho. **Radiografia de um filme:** São Paulo Sociedade Anônima. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010.

MORAIS, Fernando. **Chatô:** o rei do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

MOYA, Álvaro. **Glória in Excelsior:** Ascensão, apogeu e queda do maior sucesso da televisão brasileira. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004.

NUNES, Augusto: depoimento [out. 2013]. Entrevistador: Ninho MORAES. São Paulo: CIP-FCL-SP, 2013. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio. **50 anos de TV no Brasil.** São Paulo: Editora Globo, 2000.

\_\_\_\_\_. **O livro do Boni.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

PRIOLLI, Gabriel. **O campeão de audiência:** Walter Clark. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

RIBEIRO, Marco Antonio: depoimento [nov. 2013]. Entrevistador: Ninho MORAES. São Paulo: CIP-FCL-SP, 2013. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo.

RITA, Chico Santa: depoimento [mar. 2013]. Entrevistador: Ninho MORAES. São Paulo: CIP-FCL-SP, 2013. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo.





ROLFO, Fábio: depoimento [set. 2013]. Entrevistador: Ninho MORAES. São Paulo: CIP-FCL-SP, 2013. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo.

SILVA JUNIOR, Gonçalo. **País da TV**: a história da televisão brasileira contada. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

SIQUEIRA, Ethevaldo. **Três momentos das telecomunicações do Brasil**. São Paulo: Dezembro Editorial, 1999.

VEJA. Abril no vídeo: São Paulo na TV vai mostrar a cidade. Edição nº 779, pág. 132, 10 ago. 1983. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervo/home.aspx>> Acesso em 02 mai. 2015.

WAISBERG, Fernando: depoimento [abr. 2013]. Entrevistador: Ninho MORAES. São Paulo: CIP-FCL-SP, 2013. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo.

XAVIER, Ricardo & SACCHI, Rogério. **Almanaque da TV**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.